



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL  
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**JUCICLEIDE MOREIRA FERREIRA**

**O PROTAGONISMO DA MULHER NEGRA BRASILEIRA: UM ESTUDO SOBRE A  
HEROÍNA MARIA FELIPA DE OLIVEIRA NA INDEPENDÊNCIA DA BAHIA**

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2023**

**JUCICLEIDE MOREIRA FERREIRA**

**O PROTAGONISMO DA MULHER NEGRA BRASILEIRA: UM ESTUDO SOBRE A  
HEROÍNA MARIA FELIPA DE OLIVEIRA NA INDEPENDÊNCIA DA BAHIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia  
Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito avaliativo do  
componente curricular Trabalho de Conclusão de Curso -  
TCC III.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Idalina Maria Almeida de Freitas.

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2023**

**JUCICLEIDE MOREIRA FERREIRA**

**O PROTAGONISMO DA MULHER NEGRA BRASILEIRA: UM ESTUDO SOBRE A  
HEROÍNA MARIA FELIPA DE OLIVEIRA NA INDEPENDÊNCIA DA BAHIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito avaliativo do componente curricular Trabalho de Conclusão de Curso - TCC III.

Data de aprovação: 10/05/2024.

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Idalina Maria Almeida de Freitas (Orientadora)**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

**Prof. Dr. Jorge Luzio Matos Silva**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

**Prof. Dr. Eduardo Antônio Estevam Santos**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>5</b>
<b>2</b>	<b>CONTEXTO HISTÓRICO DO BRASIL NO PROCESSO DE INDEPENDÊNCIA</b>	<b>10</b>
<b>3</b>	<b>MARIA FELIPA DE OLIVEIRA: RESISTÊNCIA X SUCATEAMENTO</b>	<b>19</b>
<b>4</b>	<b>PROTAGONISMO FEMININO NEGRO BRASILEIRO</b>	<b>31</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>36</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O vigente trabalho de conclusão de curso, objetiva compreender os fenômenos sociais que esvaneceram o protagonismo feminino negro da história brasileira. Apesar das políticas públicas concebidas a partir de movimentos de resistência protagonizadas pelas mulheres, as narrativas epistemológicas sobre as múltiplas opressões, que atravessam as experiências cotidianas das mulheres negras no Brasil hoje, são o reflexo de uma conjuntura interminável de sofrimentos e desgastes que elas vêm sustentando ao longo do tempo.

A sociedade brasileira atual, apesar de seus incontestáveis avanços, ainda sustenta uma estrutura muito semelhante aos sistemas hierarquizantes e excludentes de outras épocas. O racismo estrutural perdurou e atrelado a ele veio também a cultura patriarcal, o sexismo, machismo, desigualdades de gênero e tantos outros. As mulheres brancas no passado não eram valorizadas enquanto ser pensante e útil a sociedade, mesmo aquelas que vinham das elites, por sua vez, as mulheres negras nem reconhecidas como mulheres eram.

Os esforços femininos eram constantes, mas ainda assim a invisibilidade e o silenciamento tanto social quanto existencial dessas mulheres foram severos. Como exemplos cristalinos temos de fato o heroísmo enérgico das mulheres durante o processo de independência do Brasil, invisibilizado pela historiografia, escrita em sua maioria por homens. O protagonismo das mulheres brasileiras, principalmente as mulheres negras, foi durante muito tempo desconhecido pela maioria da população, levou-se muito tempo para que fossem incluídas como personagens históricas (só em 2018 necessariamente) e passassem a ser reconhecidas historicamente de fato.

Segundo Nascimento<sup>1</sup>, intelectual e militante brasileiro da área de direitos civis e humanos das populações negras, a história do Brasil é uma versão concebida por brancos, para os brancos e pelos brancos. Ainda de acordo com o autor, somos a maior nação negra fora do continente africano, com mais de 70 milhões de descendentes de ex-escravizados. Segundo Moreno<sup>2</sup>, através do censo de 2015 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a Bahia seria o estado com maior ascendência negra e Salvador, a capital com maior ancestralidade africana do país, sendo considerada como a cidade mais negra fora do continente

---

<sup>1</sup> NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo**. São Paulo: Perspectiva, 2019.

<sup>2</sup> Sobre o censo citado, ver: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-03/os-467-anos-de-salvador-cidade-mais-negra-fora-da-africa#:~:text=E%2C%20de%20acordo%20com%20um,negra%20fora%20do%20continente%20africano.>

africano. No entanto, isso parece não importar já que quanto maior é a população, maior o descaso, preconceito, racismo, desigualdade de gênero e abnegação social sofridos.

Infelizmente, esse ocultismo não foi extinto. Com o decorrer dos anos foi apenas intensificado e especialmente moldado para se adequar a modernidade. A mulher negra é a receptora de todo o fardo social destilado massivamente pela cultura patriarcal e machista vigentes. Isto posto, é importante elencar que a problemática desse trabalho visa compreender por meio da personagem Maria Felipa - mulher negra, baiana, nordestina, pobre, pescadora - como sua marcante trajetória nos eventos que culminaram com a independência da Bahia, embora pouco documentada, do ponto de vista das fontes históricas, tornou-se símbolo de resistência para não somente as mulheres negras, mas para toda uma comunidade que busca justiça e reparação.

A memória em torno da personagem Maria Felipa torna-se pública e é apropriada por instituições diversas, coletivos negros e escolas, dentre outros, ressaltando o seu legado de resistência. Em outubro de 2016 foi implementado e inaugurado na cidade de São Francisco do Conde-BA, o Centro de Referência e Atendimento à Mulher – Maria Felipa de Oliveira (CRAM<sup>3</sup>), como mais uma rede de apoio para mulheres maiores de 18 anos, vítimas de violência doméstica. Essa instituição carrega o nome de Maria Felipa e sua fotografia estampa os sites de divulgação.

**Figura 1** - Foto site do CRAM



Fonte: Secretaria de Direitos Humanos, Cidadania e Juventude (São Francisco do Conde) (2019).

<sup>3</sup> Site oficial da instituição disponibilizado pela prefeitura: <http://saofranciscodoconde.ba.gov.br/cram/>.

Assim sendo, muitas pessoas atendidas por essa instituição, possivelmente por desconhecimento ao mesmo tempo que movidas pela curiosidade, se perguntam se ela foi uma mulher que sofreu agressão, tendo em vista o impacto de seu nome e imagem. Essa representação de Maria Felipa e a força da sua memória obviamente vai muito além do enfrentamento a violência física propriamente dita. Nesse sentido, ao visitar o CRAM, pude conversar com a advogada Ana Cláudia Fontoura que trabalha na instituição desde o ano de 2021. A mesma conta que logo que chegou a instituição questionou quem era Maria Felipa, haja vista que enquanto estava na escola não leu ou ouviu nada relacionado a ela, portanto, começou a pesquisar. Atualmente, muitas mulheres quando são encaminhadas para o primeiro atendimento, questionam a identidade de Maria Felipa, pois nunca obtiveram informações a respeito dela. Nesse contexto, Ana Cláudia e as outras pessoas da equipe apresentam a história da heroína a cada uma delas.

A advogada pontuou ainda, que geralmente os CRAMs recebem nomes de mulheres vítimas de feminicídio, entretanto, a cidade de São Francisco do Conde não possui nenhum caso registrado de alguma mulher que tenha passado por essa situação, por conta disso, escolheram Maria Felipa para nomeá-lo como uma forma de homenageá-la por toda a sua representatividade histórica e resistência enquanto mulher negra, pescadora e quilombola. Isso demonstra os usos que as instituições, comunidades ou a sociedade civil como um todo podem fazer de eventos ou personagens históricos, muitas vezes resignificando-os.

Nesse intento, da mesma forma que Maria se levantou contra aqueles que queriam lhe aprisionar, o CRAM de São Francisco prevê o levante das mulheres que estão sendo acometidas com a violência. Através dessa memória de resistência que o legado de Maria Felipa despertou, a instituição visa evidenciar para essas mulheres que elas podem se reerguer e encerrar esse ciclo de violências sim, que a sua história de vida não será reduzida às agressões sofridas pelos seus parceiros. Maria (re) existiu enquanto mulher e elas também podem (re) existir, a força que está enraizada dentro delas vem de mulheres resilientes e determinadas iguais a Maria Felipa. Que elas possam se sentir encorajadas a guerrear pela sua autonomia, da mesma forma que Maria guerreou contra os portugueses e o sistema social brasileiro pelo mínimo direito de existir e ser respeitada. A memória de Maria Felipa é resignificada a partir das mulheres negras que lutam contra o sistema. Sua história representa coragem, sabedoria, força, ousadia, liderança, resistência, empoderamento e determinação.

Do ponto de vista do Ensino de História, emprestando a minha própria experiência, o nome de Maria Felipa nunca esteve associado aos eventos que culminaram com a independência do Brasil. Dentro das universidades sua trajetória ainda é vista de forma tímida.

Contudo, a força que o movimento negro empregou para restituir essa narrativa preciosa a história foi fundamental, graças as ações desse movimento e das lutas das mulheres negras no mundo contemporâneo, redescobrimos a importância de personagens como Maria Felipa. Quantas outras mulheres desempenharam papéis fundamentais ao longo da história brasileira e foram silenciadas porque era conveniente aos interesses de quem escrevia a história? Quantas Marias Felipas atuaram em outras batalhas e não tiveram seus nomes reconhecidos? Fomos tão privados de existir que agora reivindicamos tudo aquilo que nos foi tirado.

Nesse sentido, nos inquieta perceber o (re) surgimento da heroína negra Maria Felipa e como sua memória impulsiona uma gama de pessoas e instituições e simboliza lutas tão longevas da comunidade negra no Brasil. Os relatos de sua bravura atravessaram o tempo e as gerações, a avó que contou inúmeras vezes a história de uma heroína negra que jogava capoeira para a sua neta, hoje pode não estar mais presente nesse plano, todavia, essa neta passou a questionar enquanto cursava história na universidade, onde estava Maria Felipa de Oliveira?, A heroína negra, pescadora, baiana, quilombola e pobre, de apenas 22 anos que liderou um grupo composto por 200 pessoas, entre mulheres e homens de várias etnias diferentes em busca de um único propósito, a expulsão dos portugueses da Bahia. Ela relembra que a avó havia comentado sobre ela muitas vezes, mas não a encontrava em nenhum livro ou documento.

Com a Lei 10.639/2003, que visa a inserção obrigatória no ensino fundamental e médio, da história e cultura afro-brasileira, os estudantes da educação básica passaram a conhecer o universo imensurável de temas e personagens históricos que contribuíram significativamente para que pudéssemos alcançar posições de destaque e direitos fundamentais. Conhecer a cultura nacional e como a população negra sempre esteve associada a luta por justiça e cidadania é importante para a construção identitária, empoderada e pertencente desses jovens. É fundamental que os jovens se reconheçam em personagens negros, que se apropriem da força de seus ancestrais e se inspirem nos feitos de cada um deles.

A posituação da experiência negra no Brasil é um caminho fértil para o aprendizado de outras histórias, a mudança de perspectiva pode nos conduzir a uma reparação de nossos heróis e heroínas. Através da Lei 10.639/2003, os estudantes puderam compreender que muitos nomes haviam sido ocultados e que muitas histórias haviam sido menosprezadas propositalmente porque ameaçavam aqueles que se encontravam no poder.

Á vista disso, Maria Felipa foi mais uma heroína resgatada pelo coletivo, pela memória da resistência, pelos movimentos sociais e pelas leis que protegem e guerreiam por melhores condições de vida para a população negra brasileira, como a Lei de Cotas

12.711/2012, que reserva 50% das vagas em universidades e institutos federais para estudantes que concluíram todo o ensino básico em escolas públicas, além de contemplar discentes pertencentes de uma etnia específica.

Desse modo, a população negra que está ingressando nas universidades (principalmente através das ações afirmativas), requerem os seus ancestrais em destaque, intentam o devido reconhecimento que veementemente foi sonogado. Viveram incontáveis anos no anonimato, entretanto, é chegado o momento de revelar ao país quem entregou a sua vida em prol da melhoria nacional. Conseqüentemente, a força e a representação histórica de Maria Felipa atualmente são tão exponenciais que seu nome inspirou uma escola que promove uma educação antirracista, pluriétnica e afro-brasileira.

A Escola Maria Felipa<sup>4</sup> intitulada a primeira escola afro-brasileira, foi fundada em 2017, na cidade de Salvador, atende da educação infantil ao ensino fundamental e propõe um currículo voltado para a cultura afro-brasileira e africana. Segundo a fundadora da escola, a mesma “após esquadrinhar escolas antirracistas que acolhessem sua filha enquanto negra, todavia, não encontrava, ela propriamente decidiu criar o modelo da escola exata para a sua filha.” E o porquê do nome atribuído a escola?

Maria Felipa, como tantas outras mulheres negras, foi uma grande guerreira apagada e silenciada da história. O nosso intuito em nomear a nossa escola com a sua graça é de homenagear esta grande mulher negra que nos ensinou o valor da resistência e do combate por meio da organização do seu povo, do pensamento estratégico e quilombola.<sup>5</sup>

Nesse intento, é inexcusável ressaltar que “nos dias atuais, segundo Nascimento<sup>6</sup>, é importante que a história de Maria Felipa de Oliveira seja redescoberta nas escolas para que as crianças compreendam que as pessoas negras tiveram ativa e efetiva participação na construção da história do Brasil. A memória das gerações mais antigas pode ser transmitida, recontada para as próximas gerações e assim conservar essas experiências de vida e resistência que foram invisibilizadas, como a de Maria Felipa de Oliveira:

---

<sup>4</sup> Para maiores informações sobre a escola ver: <https://escolamariafelipa.com.br/quem-somos/>

<sup>5</sup> Biografia de Maria Felipa apresentada pela Escola. Para ver mais informações, visitar o site da escola: <https://escolamariafelipa.com.br/>.

<sup>6</sup> NASCIMENTO, Carlos. E.G. Pensar o passado, narrar a história dos afrodescendentes na Bahia: um e-book sobre Maria Felipa de Oliveira no ensino fundamental. *Trama*, [s. l.], v. 15, n. 35, p. 3-12, 2019. DOI: 10.48075/rt.v15i35.21503. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/348289711\\_PENSAR\\_O\\_PASSADO\\_NARRAR\\_A\\_HISTORIA\\_DO\\_S\\_AFRODESCENDENTES\\_NA\\_BAHIA\\_UM\\_E-BOOK SOBRE MARIA FELIPA DE OLIVEIRA NO ENSINO FUNDAMENTAL](https://www.researchgate.net/publication/348289711_PENSAR_O_PASSADO_NARRAR_A_HISTORIA_DO_S_AFRODESCENDENTES_NA_BAHIA_UM_E-BOOK SOBRE MARIA FELIPA DE OLIVEIRA NO ENSINO FUNDAMENTAL). Acesso em: 3 jan. 2023.

Maria Felipa nos dias de hoje lutaria contra o racismo, defendendo os negros, iria lutar contra o bullying e contra a violência e iria mudar as escolas e o trabalho para melhor. Ela seria a primeira presidente negra e ela mudaria tudo, o racismo, violência, bullying e etc. Essa seria Maria Felipa nos dias de hoje.

Á vista disso, Correia<sup>7</sup> enfatiza que Maria Felipa precisa ser estudada, que a sua história necessita ser revisitada quantas vezes forem necessárias e que a nação como um todo deve conhecê-la, ultrapassando a fronteira do necessário e adentrando a linha do dever, as pessoas devem saber quem foi Maria Felipa de Oliveira. A memória de Maria Felipa ajuda a repensar o protagonismo das mulheres negras na sociedade. Ela representa as incontáveis Marias que resistem as violências, que provêm o próprio sustento, que seguem em busca de um futuro mais tranquilo, que enfrentam jornadas duras de trabalho e ainda reservam um sorriso genuíno ao final do expediente para ofertar a sua família. Ser mulher no Brasil nunca foi fácil, precisamos guerrear vezes sem conta em um único dia simplesmente para exigir o reconhecimento pela nossa existência, existimos e queremos o devido respeito. Através dos seus traços físicos nos sentimos representadas e encorajadas pela resistência, força e ativismo num período difícil para todas as mulheres negras.

Nesse sentido, será analisado nas outras seções o contexto que o Brasil vivia durante o processo de independência, quem foram as pessoas que desempenharam um papel indispensável nas batalhas, como também a grande contribuição de Maria Felipa e seu grupo para que houvesse um lado vencedor de fato. Seguidamente, iremos conhecer mais a fundo quem foi Maria Felipa de Oliveira e por fim, analisaremos o protagonismo feminino negro na contemporaneidade brasileira, corroborando o crescimento indiscutível dessas mulheres em diversas áreas do conhecimento.

## **2 CONTEXTO HISTÓRICO DO BRASIL DURANTE O PROCESSO DE INDEPENDÊNCIA**

Antes de falarmos sobre a independência do Brasil, é necessário compreendermos os acontecimentos que propiciaram o início desse desejo libertário. O ponto de partida crucial foi em 1820 com a Revolução Liberal do Porto em Portugal. A população juntamente com as cortes

---

<sup>7</sup> CORREIA, Ivaldo. Maria Felipa de Oliveira: uma heroína da independência. **Museu de Astronomia e Ciências Afins - MAST**. [Brasília, DF], 31 out. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/mast/pt-br/assuntos/noticias/2022/maio/maria-felipa-de-oliveira-uma-heroína-da-independência> . Acesso em: 8 abr. 2024.

exigia o retorno do rei português Dom João VI. Após sua partida, Dom Pedro assumiu o posto de príncipe regente do Brasil, entretanto, a corte portuguesa entrevistou mais uma vez e solicitou o regresso de Dom Pedro o mais rápido possível, revogando algumas medidas implantadas que delegava o poder integral nas mãos do príncipe e somente ele poderia delegar que as pessoas acatassem as ordens advindas de Portugal, divergindo disso, nenhum outro indivíduo obedeceria.

Posteriormente, em 1822, Dom Pedro declarou que continuaria no Brasil, conceituando este momento como “dia do fico” e popularmente conhecido, o grito da independência (posto em descrença por muitos historiadores e estudiosos quanto a sua existência), ocorrido no dia 07 de setembro de 1822. A aclamação como imperador aconteceu 1 mês depois, em 12 de outubro de 1822 e a coroação um pouco mais tarde, só em 1º de dezembro de 1822. Dessa forma, ele se torna Dom Pedro I e o país como um todo começa a se preparar intensamente para alcançar a libertação total dos domínios portugueses e se tornar independente definitivamente.

Faz-se muito necessário ressaltar que antes da declaração de independência do Brasil ter sido anunciada por Dom Pedro, a Bahia já se agitava contra o domínio português, principalmente quando Madeira de Melo foi designado para comandar todas as tropas portuguesas que estavam em territórios da província da Bahia e muitos baianos apoiavam a permanência portuguesa, gerando conflitos recorrentes, fervorosos de tal forma que se iniciaram logo em fevereiro de 1822 e ganharam maior intensidade e aderência após a proclamação de independência, em 7 de setembro do mesmo ano:

A Independência da Bahia, na verdade, foi a resistência estabelecida por parte da população baiana contra os portugueses e as autoridades locais, que se mantiveram leais à Metrópole. A Bahia era uma região em grande estado de agitação, possuindo uma população extremamente insatisfeita com a autoridade portuguesa. Isso fez os conflitos com os portugueses se iniciarem em fevereiro de 1822 e se ampliarem após o 7 de setembro. Os conflitos se encerraram quando os colonos capturaram Salvador, em 2 de julho de 1823.<sup>8</sup>

É de grande eloquência pontuar que a ideia de independência não foi aceita pacificamente, após a declaração houve muitos embates, os mais enérgicos e exponenciais foram os conflitos na Bahia, no Pará, no Maranhão e por fim, na Cisplatina. As pessoas lutavam com toda a força e empenho que tinham porque almejavam a libertação propriamente dita, como também melhores condições de vida. Entretanto, é significativo salientar que esse cenário de heroização intrínseca da população baiana não houve totalmente:

---

<sup>8</sup> SILVA, Daniel Neves. Independência da Bahia. Brasil Escola. [S. l.], 2024. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/independencia-bahia.htm>. Acesso em: 22 abr. 2024.

Até pelo menos a primeira metade do século XX, a historiografia baiana sustentou esta visão heroica da Guerra de Independência na Bahia. Alguns historiadores, de obra mais recente, já têm sinalizado o fato de que a guerra em si, batalhas e combates francos entre portugueses e o Exército Libertador – como ficou conhecido o Exército que se contrapôs às tropas portuguesas ocupantes da cidade do Salvador, constituído em uma primeira etapa de contingente exclusivamente baiano, mas logo engrossado por tropas de outras regiões do Brasil – ceifaram relativamente poucas vidas para o tempo de duração, assim como referente ao contingente das tropas.

Os baianos lutaram realmente, contudo, não se desenvolveu uma batalha regada a muito derramamento de sangue e corpos empilhados, longe disso, as baixas brasileiras foram bem pequenas, destoando completamente dos padrões de milhares de mortos que as guerras costumavam sustentar:

Na batalha de Pirajá, acontecida em 8 de novembro de 1822, considerada a maior das batalhas (chegando a dar nome, ainda hoje, ao 19º Batalhão de Caçadores do Exército que tem sede em Salvador), as baixas sofridas pelo lado brasileiro foi, segundo dados de Accioli, da monta de “80 mortos e igual número de feridos”. Para se ter ideia da dimensão deste número, João José Reis registra que este pode ter sido o número total de mortos na Rebelião Malê de 1835, que durou apenas algumas horas, tendo envolvido muito menos gente nos conflitos.<sup>9</sup>

Ainda segundo o autor, a luta foi findada de “modo pacífico”, sem grandes embates proporcionados. Dos dois lados havia um enfraquecimento físico alarmante por conta da fome, doenças e tantos outros pormenores:

O fato é que as tropas, tanto “brasileiras” como “portuguesas” – os dois lados rivais desta guerra -, sofreram mais baixas na Guerra devido à fome, às doenças e privações, do que de tiros, balas de canhão ou pelejas diretas em confrontos corpo-a-corpo, acontecidos em raros momentos dramáticos de uma guerra praticamente imóvel. Não obstante, a historiografia tradicional e o senso comum construíram um “mito” da guerra, sinalizado por João José Reis, como o “mito de origem” de uma pretensa, ao menos culturalmente, nação baiana e que, como tal, reveste-se de cores fantásticas em uma narrativa entusiasta que, muitas vezes, beira o épico.

De acordo com alguns historiadores, essas versões foram sustentadas por conta de um “bem maior”, que seria a imagem fortalecida e unificada da união popular em prol da libertação vindoura de todo o país. Destarte, o que a maioria desconhece é que a divergência entre classes sociais distintas não foi subjugada durante as batalhas pela independência na

---

<sup>9</sup> GUERRA FILHO, Sérgio Armando Diniz. **O povo e a guerra**: participação nas Lutas pela Independência do Brasil na Bahia. 2004. 141 f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004. Disponível em: [https://portal2dejulho.ffch.ufba.br/wp/wp-content/uploads/2020/01/dissertacao\\_SAGF.pdf](https://portal2dejulho.ffch.ufba.br/wp/wp-content/uploads/2020/01/dissertacao_SAGF.pdf). Acesso em: 8 abr. 2024.

Bahia, houve muitas desavenças internas, ao ponto de desorganizar boa parte de um movimento que estava conciso e indestrutível aos olhos de quem estava distante da história.

Foi criada uma névoa sobre a historiografia baiana por parte de alguns historiadores acerca dessas narrativas. Divulgar que os próprios conterrâneos estavam fervorosos para guerrear entre si ao invés de guerrear com o inimigo seria de muito mal gosto, portanto, esses episódios foram ocultados pelo tempo e o esquecimento, na tentativa de preservar a imagem encantada.

Esses acontecimentos voltaram a reviver apenas no século XX quando novas histórias acerca da independência foram sendo contadas por variadas novas perspectivas. Quem ousasse revelar tais feitos deveria possuir muita coragem, visto que o cenário perfeito do povo guerreiro e unificado já havia sido instalado há anos atrás. Nesse contexto, contar uma história que muitos conhecem é fácil, reescrever a história desmistificando o que a maioria acreditava ser verdade, sim é difícil. É preciso enfrentar a rejeição, a descrença e toda a crítica do cenário historiográfico com afinco, bravura e determinação.

Á vista disso, faz-se necessário destacar que os historiadores contemporâneos optaram por facear frontalmente todos esses percalços e retrataram em seus escritos uma valorização demasiadamente preciosa empregada às batalhas defrontadas pelos baianos. Eles (a) foram aguerridos, destemidos e mais do que capazes para conseguir um resultado positivo, apesar de toda a situação. Todavia, atualmente é sabido que o lado brasileiro na batalha estava em vantagem numérica e geográfica, conheciam profundamente a região, o que ratificou imensamente os avanços bem-sucedidos contra os portugueses. Civis como Maria Felipa de Oliveira, Marcolina, Joana Soleiro, Brígida do Vale, Joana Angélica e tantas outras mulheres que foram protagonistas nessas lutas, mas para a população e toda a historiografia nacional são apenas desconhecidas.

É extremamente importante acentuar que a guerra só foi efetivamente vencida por vantagens numéricas, geográficas e alimentícias. Os baianos ainda conseguiam se alimentar porque Maria Felipa e as Vedetas (grupo de mulheres que Maria liderava), transportava os alimentos com todo esmero pelo rio Paraguaçu, além de agirem como sentinelas diurnas, vigiando os mangues, as florestas e todas as trilhas que circundavam a ilha de Itaparica para conter a invasão portuguesa em qualquer instância:

Ensinavam a ordem, a história, os espaços geográficos e orientava sobre os combates que poderiam ocorrer. A importância de guardar a “boca do grande rio”, para que portugueses inimigos não entrassem no Recôncavo, tornava a heroína admirada pelos companheiros de trabalho. Liderar como marisqueira levava-a a fugir às “limitações”

de apenas “catar mariscos”, porque identificava novos lugares e se tornava acreditada pelos seus métodos de trabalho.<sup>10</sup>

Nesse cenário, a batalha em solo baiano já ultrapassava a marca de 1 ano, quando a fome se tornou um problema extremamente preocupante. Como manter a força e sagacidade dos envolvidos se a maioria praticamente não conseguia permanecer de pé? Além desse obstáculo, havia as doenças que acometeu um número exponencial de pessoas, legitimando plenamente a necessidade de determinar um lado vitorioso rapidamente. Como os homens do Exército Pacificador<sup>11</sup> recebiam ajudas preciosas de mulheres impetuosas como Maria Felipa e suas companheiras, possuíam uma primazia na quantidade de combatentes. Os portugueses foram obrigados a se retirar, consagrando os inúmeros brasileiros vitoriosos, e o Brasil enfim, independente:

Embora sejam cantadas em verso e prosa as habilidades guerreiras de Maria Felipa, é necessário destacar seus predicados como comerciante e navegadora em meio a uma guerra na qual as questões ligadas ao abastecimento alimentar débil e insuficiente foram determinantes para que os portugueses decidissem abandonar a derradeira batalha do dia 2 de julho em Salvador, escapando pelo mar. Eles não tinham mais o que comer. Segundo alguns registros, dos dois lados do conflito, morreram mais soldados vitimados pela fome e doenças do que por balas. Assim, ter atuado no abastecimento alimentício durante a guerra foi uma função basilar de Maria Felipa e das mulheres e homens liderados por ela.<sup>12</sup>

Nesse ensejo, como resultado de todo o processo de luta, para os baianos a data que oficializa a independência do Brasil na Bahia é o 2 de julho. Data muito significativa, haja vista que nesse dia, especialmente na madrugada, quando as tropas portuguesas se retiraram definitivamente das terras brasileiras. Dessa forma, consolidando este fato, eternizaram o momento do amanhecer na cidade de Salvador após a retirada dos portugueses no Hino<sup>13</sup> que representa a independência da Bahia, ressaltando a beleza e o brilho incontestável que a cidade amanheceu. Não havia barulhos, longe disso, havia muita quietude, as ruas estavam vazias, pois quem as ocupava havia partido. Assim sendo, como o mês de junho é banhado por muita chuva por conta da chegada do inverno, as batalhas desse período foram acompanhadas por fortes

<sup>10</sup> FARIAS, Eny Kleyde Vasconcelos. **Maria Felipa de Oliveira**: heroína da independência da Bahia. Salvador: Quarteto, 2010.

<sup>11</sup> Combatentes que se juntaram para lutar e retomar a Bahia do controle português sob comando do General francês Pedro Labatut.

<sup>12</sup> STARLING, Heloisa M; PELLEGRINO, Antonia. **Independência do Brasil**: as mulheres que estavam lá. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

<sup>13</sup> “Nasce o sol ao 2 de julho, brilha mais que no primeiro! É sinal que neste dia, até o sol é brasileiro”. A letra do hino foi composta por Ladislau dos Santos Titara e a melodia por José dos Santos Barreto, dois combatentes das lutas de independência da Bahia, e faz referência ao processo nacional de independência, enfocando a bravura do povo baiano ao derramar seu sangue pelo fim da tirania portuguesa.

chuvas e segundo relatos, posteriormente a retirada portuguesa, a chuva cessou por completo, o brilho do sol era esplêndido e o dia estava lindo:

Na madrugada de 2 de Julho de 1823, a cidade de Salvador amanheceu quase deserta: o exército Português deixou em definitivo a província da Bahia. Dizem\* que o dia nasceu bonito, sem as chuvas de junho. O sol brilhou!  
Os baianos conhecem esta data como sendo a Independência do Brasil na Bahia, que celebra a vitória dos brasileiros na guerra travada na então província da Bahia, por mais de 17 meses (de fevereiro de 1822 a julho de 1823) contra as tropas portuguesas. Com a vitória do Exército e da Marinha do Brasil na Bahia, consolidou-se a separação política do Brasil de Portugal.<sup>14</sup>

Segundo o historiador Luís Henrique Dias Tavares, o 2 de julho é a data oficial, pois o Brasil só se tornou independente realmente quando a Bahia se libertou do jugo português, em julho, não 7 de setembro. Essa data em questão simboliza um passo imensamente relevante sim, entretanto, não representa a libertação como um todo, em vista que a região nordestina ainda lutava por sua libertação.

Por conseguinte, é indispensável realçar que durante a luta de independência do Brasil na Bahia houve muitos outros personagens que desempenharam um papel extremamente importante para derrotar os portugueses. Assim como Maria Felipa de Oliveira, houve outras mulheres e homens em destaque que resistiram, batalharam e entregaram suas vidas em prol da liberdade. Começamos por Joana Angélica, religiosa baiana de 60 anos que foi assassinada ao se colocar a frente de portugueses que tentaram invadir o Convento da Lapa em 1822. As freiras que moravam no convento conseguiram fugir pelos fundos do convento a pedido da madre, enquanto a mesma optou por continuar no local e ir de encontro aos portugueses, que a essa altura estava agindo violentamente contra os civis que não estavam no campo de batalha.

Ao tentarem invadir, ela se prostrou com os braços abertos na entrada e segundo relatos, proferiu a seguinte frase “Para trás bandidos! Respeitai a casa de Deus! Só entrarão passando por cima do meu cadáver”. Apesar de ser uma frase muito conhecida, não há escritos que comprovem essa passagem na história.

Joana se tornou mártir da independência por conta da agressividade de sua morte, uma mulher completamente desprotegida e idosa, que não ofertava ameaça alguma e desarmada foi golpeada inúmeras vezes com a baioneta (arma com aparência de uma lança). Foi assassinada covardemente e essa ação despertou a fúria do povo baiano, se não respeitaram uma madre, e um ambiente sagrado, quem mais respeitariam? Segundo o historiador Rafael Dantas,

---

<sup>14</sup> SLAMA, Fernanda. O 2 de julho: independência do Brasil na Bahia. **Blog Salvador**. [Salvador], 2024. Disponível em: <https://www.salvadorbahia.com/o-2-de-julho-independencia-do-brasil-na-bahia/>. Acesso em: 22 abr. 2024.

a partir desse momento que o conflito se tornou mais intenso, pois as pessoas entenderam finalmente que os portugueses eram capazes de tudo e a tirania deles precisava ser extirpada:

O que representa a morte de uma religiosa em 1822? Mostra que os portugueses estavam dispostos a tudo. O que tinha de espaço mais sagrado em Salvador naquele contexto eram as igrejas e os conventos. Pense, se o general autorizou a entrada de soldados em um convento, onde homens não entram, imagine o que pode fazer em outras casas da cidade. Então, quando a notícia da morte se alastrou para além dos muros da Lapa, a cidade entrou em crise, o pânico se instalou, e todos ficaram preocupados, pensando que poderiam também serem vitimados ou terem suas casas invadidas como naquele episódio no Convento da Lapa.<sup>15</sup>

Destarte, temos Maria Quitéria, a primeira mulher a fazer parte do exército pacificador. Naquela época a mulher não podia lutar ou desempenhar qualquer função delegada aos homens, deveria apenas orar pelo retorno dos seus entes dentro das residências. Contudo, Maria Quitéria diferia das mulheres comuns, ela amava usar calças, caçar, andar a cavalo e domá-los, aprendeu a atirar desde muito jovem e suas preferências chocavam a maioria das mulheres.

Ela era uma moça prendada sim, por perder a mãe muito cedo, se tornou a responsável dos cuidados domésticos e dos outros irmãos desde os 12 anos, porém, sua aspiração não era aquela. Sendo assim, quando ouviu a convocação de homens para a luta, lamentou o fato de não ser homem para poder se voluntariar, sua irmã ao ouvir tal comentário ressaltou que ela não precisaria ser um homem para participar e á vista disso ofereceu as vestimentas do próprio marido para que ela pudesse se juntar as tropas. Sem a aprovação do pai, ela saiu de casa sem que ele a visse e foi lutar como soldado Medeiros nas batalhas pela independência da Bahia:

Maria Quitéria escapuliu de sua casa para a da irmã, Teresa Maria, então casada com José Cordeiro de Medeiros, que morava a pequena distância, para contar as notícias recebidas no jantar. Diante da irmã, afirmou, como recordaria depois: “desejaria ser homem para poder juntar-me aos patriotas”. Maria Teresa foi categórica: ora essa, para tanto não era necessário ser homem. Abriu o armário e emprestou algumas roupas do marido a Maria Quitéria, que logo partiria para onde as coisas estavam de fato acontecendo.

Maria foi bem-sucedida em todas as batalhas que lutou e inclusive há escritos de que ela e Maria Felipa tenham lutado juntas com água até os seios e também tenham ouvido falar sobre a bravura de Joana Angélica. Após ser descoberta a sua verdadeira identidade, o

---

<sup>15</sup> Podcast especial “Quem fez o 2 de julho: Joana Angélica”. Para ouvir na íntegra: <https://open.spotify.com/episode/29XZ7qw3fEJLrEzueFBQXT?si=128e827804924a36>.

próprio comandante não permitiu que ela saísse da tropa, o que corroborou ainda mais o desgosto do seu pai, que a ignorou por muito tempo. Ela foi homenageada por Dom Pedro I e pelos próprios colegas de combate por conta da sua facilidade e ímpeto nas batalhas. Uma mulher a frente de seu tempo, que lutou tanto e infelizmente quando morreu, permaneceu no anonimato.

Ainda nesse contexto, vejamos Corneteiro Luís Lopes, português que era integrante do exército brasileiro. Durante a batalha de Pirajá, uma das mais importantes para o vencimento de toda a guerra, os soldados brasileiros não estavam numa situação muito boa pois as tropas portuguesas eram superiores em contingentes de soldados, portanto, Barros Falcão que era o comandante, solicitou a Corneteiro Lopes o toque de retirada das tropas brasileiras da batalha, entretanto, ele realizou o toque de avançar e eliminar da maneira mais feroz. Assustados, os portugueses bateram em retirada imediatamente pois acreditavam fortemente que um reforço poderoso havia chegado e eles teriam muitas baixas.

Da mesma forma que não se tem registros sobre Maria Felipa, também não há sobre a ação de Corneteiro Lopes, todavia, muitas pessoas que estavam presentes na batalha como o Barão de Cajaíba Alexandre Gomes de Argolo Ferrão e Ladislau dos Santos Titara, autor do Hino sobre o Dois de Julho, afirmam que ouviram o sinal de avançar. Mesmo com essa incógnita, Corneteiro se tornou um dos personagens centrais da independência, haja vista que pelo seu ato em entender o sinal errado, entregou uma vitória que já estava considerada perdida.

Destarte, temos João das Botas. Militar brasileiro que travou várias batalhas contra os portugueses na Ilha de Itaparica. É considerado um importante personagem da independência por sua garra e quantidade de vitórias, principalmente enquanto defendia as águas da Baía de Todos os Santos. Se a Ilha de Itaparica continuou intacta foi por causa dele, de Maria Felipa e de todos aqueles que lutaram em prol da expulsão portuguesa. Seu nome foi adicionado no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria no mesmo dia que Maria Felipa teve o seu inserido. Em sua homenagem, todo ano em Salvador é realizada a Regata João das Botas, simbolizando o seu comprometimento e importante contribuição em alto mar.

Nesse contexto militar, conheçamos ainda Pierre ou Pedro Labatut, mercenário e general francês requisitado por Dom Pedro I para comandar as suas tropas. Ele estava asilado no Brasil há um tempo e quando foi acionado, não demonstrou recusa. Labatut recebeu a missão de colocar em ordem um conjunto de pessoas totalmente despreparadas para a batalha. Dentro das tropas haviam ex-escravizados, homens livres, senhores de engenho, voluntários, soldados e indígenas. Pedro conseguiu enquadrar os combatentes de forma admirável, o que antes era

um conglomerado de homens desordenados, agora eram tropas concisas. Ele foi para a Bahia ajudar com o Exército Pacificador e enfrentar Inácio Luís Madeira de Melo.

Dessa forma, Labatut conseguiu vencer a batalha, e seu nome foi soprado como um importante combatente durante as lutas de Independência. Seus métodos disciplinares eram considerados agressivos por algumas pessoas, entretanto, isso não foi um empecilho para o seu sucesso. Com rigor disciplinar, Pierre Labatut conseguiu estruturar um exército valente e organizado em pouco tempo, o que corroborou imensamente para a vitória brasileira. Labatut faleceu em 1849 com 72 anos de idade. Em sua homenagem, foi construído um Panteão no bairro de Pirajá onde reside seus restos mortais, além de uma via que carrega o seu nome.

Nesse ensejo, voltemos novamente para as pessoas comuns que lutaram. Os Encourados de Pedrão (grupo de vaqueiros que também batalhou pela libertação). Cerca de 40 homens escolheram livremente formar um grupo e se direcionar a Cachoeira para ajudar. Eram poucos homens, mas a sua ajuda foi indispensável. Eles se dividiram e cada grupo ficou responsável por um setor. Enquanto o primeiro grupo tratava de compor o cerco a Salvador, o segundo foi designado a impedir a entrada de recursos portugueses á Bahia de Todos os Santos.

Os Encourados de Pedrão vieram de longe para batalhar pelo seu país em um momento bastante difícil da guerra. O sentimento patriótico e representativo era muito forte na época, o Nordeste estava presente e atento a todos os movimentos que vinham ocorrendo durante a guerra. O frei Brayner foi o responsável por essa convocação, ele solicitou os homens mais talentosos, aqueles que conseguiam permanecer dias a fio no meio da mata fechada e resistiam a duros períodos pelo sertão baiano. Isto posto, reforça a importante contribuição de homens e mulheres humildes que deram tudo de si para alcançar a vitória.

Em suma, gostaria de finalizar com o Caboclo e a Cabocla. Essas duas figuras que simbolizam a diversidade de povos que lutaram pela independência do Brasil na Bahia. Segundo o blog Salvador, logo que os desfiles começaram, havia a figura de um homem indígena em cima de uma carroça. A representação do indígena seria a mais adequada porque os povos originários representavam a terra e essa amostra de respeito a quem já estava aqui era necessário:

A escolha das figuras para representar os baianos, explica o professor, foi pautada no contexto social da época. Isto porque a figura do homem branco não podia ser exaltada por ser associada aos portugueses. O negro também não poderia ser escolhido para representar o povo porque, na época, carregava o estigma do escravismo. No impasse, foi escolhida a figura dos povos indígenas para materializar a plástica dos brasileiros nas imagens.<sup>16</sup>

<sup>16</sup> PINHO, Joice. Quem fez o 2 de julho: os caboclos. **Blog Salvador**. [Salvador], 2024. Disponível em: <https://www.salvordabahia.com/quem-fez-o-2-de-julho-os-caboclos/>. Acesso em: 29 abr. 2024.

Enquanto a Cabocla simboliza as incontáveis mulheres que realizaram feitos expressivos durante as lutas e de diferentes formas, tiveram o seu protagonismo silenciado durante a história. É mais uma reverência e homenagem a essas importantes heroínas que dedicaram suas vidas a causa da libertação e independência:

Para muitos, a Cabocla representa a liberdade. Ela é, além de Catarina Paraguaçu, todas as heroínas baianas, como Maria Felipa, Quitéria, Joana Angélica e todas as mulheres que batalharam pela independência. Essa é uma festa que nasce do povo e acredito que a participação popular é o que há de mais importante no 2 de Julho, afirma.

É de grande eloquência destacar que grande parte dos personagens da independência do Brasil na Bahia são pessoas cotidianas, civis, religiosas, voluntárias, pessoas livres, ex-escravizados, indígenas e até mesmo senhores de engenho. Todos resolveram lutar, cada um possuía um interesse distinto, ainda assim, decidiram batalhar. Como destacado, foi um movimento popular, a população decidiu se libertar e foram em busca da vitória. A partir de cada contribuição, cada gesto, cada disparo e cada derramar de sangue e suor, o triunfo foi culminado e a independência do Brasil instaurada realmente.

### **3 MARIA FELIPA DE OLIVEIRA: RESISTÊNCIA X SUCATEAMENTO**

O trabalho que ora apresentamos tem enfoque na personagem Maria Felipa, pois ela representa as incontáveis Marias Felipas que resistiram e lutaram pela independência da Bahia e do Brasil, e não tiveram o devido reconhecimento, nem ao menos os seus nomes citados. Foram apagadas da história como se fosse um borrão de giz no quadro. Destarte, é importante destacar que até pouco tempo atrás Maria Felipa também estava sendo esmaecida, sua brilhante história estava sendo enterrada junto com os mais velhos da Ilha de Itaparica que faleciam, no entanto, com o avanço indubitável dos movimentos sociais negros e feministas um pouco de sua história foi sendo resgatada e hoje o legado deixado por ela rompeu as barreiras aquáticas da Ilha e tomou forma pela Bahia e país a fora.

A presente seção nos interpela a refletir sobre dois processos, a resistência e o sucateamento. A priori, a palavra sucateamento pode causar estranheza, porém, se adequa completamente a discussão. Considerando a não existência de seu nome em documentos importantes da época, como também a falta de sua fotografia, de sua história nos livros didáticos de História, além da inexistência na historiografia tradicional brasileira e no Livro de Heróis e

Heroínas da Pátria. Todas essas questões são um tocante substancial que revalida os processos de silenciamento, violência, ocultismo e desvalorização que ela atravessou.

Embora a elite tenha planejado sepultá-la através do desmemoriamento, ela resistiu. A sua resistência anterior se apresenta atualmente como uma memória grandiosa de pertencimento, empoderamento e potência. Na contemporaneidade, o seu nome representa incontáveis instituições de apoio a mulher, escolas com propostas de educação antirracista e recentemente, foi apresentado o primeiro monumento em sua homenagem, justamente na cidade de Salvador onde ela se articulou e lutou, depois de 200 anos. Depois de muito anonimato histórico, ela merecidamente vem alcançando o lugar de destaque que nunca deveria ter sido negligenciado:

Tentei trazer uma característica de rainha, não só de poder, mas de empoderamento. Ela representa muitas vozes que, por 200 anos, mantiveram essa história viva”, disse Nadia Taquary<sup>17</sup>. A localização foi escolhida de forma estratégica. À beira-mar, de frente para a baía de Todos-os-Santos, com a guerreira voltada para a Ilha de Itaparica, onde combateu marinheiros portugueses e incendiou navios.<sup>18</sup>

**Figura 2** - Monumento em homenagem à Maria Felipa



Fonte: Ivan Luiz (2023).<sup>19</sup>

Fizeram o possível para silenciar uma história de superação, tenacidade, autonomia, pertencimento e valorização moral, no entanto, mesmo que tardiamente ela está recebendo o

<sup>17</sup> Artista soteropolitana que fez a obra.

<sup>18</sup> MONUMENTO em homenagem a Maria Felipa, heroína da independência do Brasil na Bahia, é inaugurado em Salvador. **G1 Bahia**, [s. l.], 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/2-de-julho/noticia/2023/07/27/monumento-em-homenagem-a-maria-felipa-heroína-da-independência-do-brasil-na-bahia-e-inaugurado-em-salvador.ghtml>. Acesso em: 26 abr. 2024.

<sup>19</sup> Para mais detalhes sobre o monumento, acesse o site: <https://www.reporterhoje.com.br/2023/07/27/bruno-reis-inaugura-monumento-a-maria-felipa-em-homenagem-a-heroína-da-independência/>.

carinho e reconhecimento que antes lhe foi negado. A sua memória não será acobertada novamente, milhares de vozes conseguiram resgatá-la do poço da ingratidão e oblévio, antes ela resistiu por nós e agora resistimos por ela.

O silenciamento da Maria Felipa foi tão perverso que nem um ínfimo reconhecimento através da historiografia nacional, aconteceu. Além de ser ignorada nos livros didáticos, nas universidades e na história clássica, não foi mencionada no livro dos Heróis e Heroínas da Pátria que fica localizado no Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves, em Brasília. Esse livro foi criado no ano de 1992 e suas páginas são inteiramente feitas por aço, dessa forma, é mais conhecido como o livro de aço. No respectivo manuscrito consta o nome e a história de personagens que marcaram positivamente a construção histórica do Brasil de alguma forma. Entretanto, para ser inserido um novo nome no livro é necessário que o Congresso aprove uma lei e posteriormente haja uma celebração *in memoriam* e o nome enfim seja adicionado:

Criado em 1992, o livro reúne protagonistas da liberdade e da democracia, que dedicaram sua vida ao país em algum momento da história. A inscrição de um novo personagem depende de lei aprovada no Congresso. Até março de 2023, 64 títulos foram inscritos no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria, sendo 51 homens e 13 mulheres. São militares, escritores ou intelectuais, revolucionários, políticos, enfermeiros, inventores, músicos e um imperador. Entre os heróis e heroínas brasileiros, estão nomes como Tiradentes, Anita Garibaldi, Chico Mendes, Zumbi dos Palmares, Machado de Assis, Chico Xavier, Santos Dumont e Zuzu Angel.<sup>20</sup>

O fator mais apavorante de tudo isso é que o livro é uma marca nacional, onde deveria constar todos aqueles (a) que contribuíram para colocar o país no patamar que ele está atualmente, entretanto, é notório que não só Maria Felipa, como tantas outras mulheres e homens negros foram silenciados ao longo do tempo, suas histórias foram esmaecidas como se nunca tivessem existido. O protagonismo negro foi sabotado e desvalorizado pela elite desde a era colonial.

Segundo Mendes<sup>21</sup>, Maria Felipa só foi inserida em 26 de julho de 2018, depois que a Lei Federal 13.697<sup>22</sup> foi aprovada. Assim, o livro foi lançado em 1992 e Maria foi inserida

<sup>20</sup> BENJAMIM, Joás. Conheça os heróis e heroínas da pátria. **Agência Senado**, [Brasília, DF], 5 abr. 2023. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2023/03/conheca-os-herois-e-as-heroínas-da-patria>. Acesso em: 25 abr. 2024.

<sup>21</sup> MENDES, Meg. **Heroínas negras**. São Paulo: Cartola Editora, 2021.

<sup>22</sup> Lei que autorizou a inscrição do nome de Maria Felipa, Maria Quitéria, Joana Angélica e João das Botas no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria. Para acessar os artigos da Lei: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2015-2018/2018/lei/L13697.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%2013.697%2C%20DE%2026,Her%C3%B3is%20e%20Hero%C3%ADnas%20da%20P%C3%A1tria](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2018/lei/L13697.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%2013.697%2C%20DE%2026,Her%C3%B3is%20e%20Hero%C3%ADnas%20da%20P%C3%A1tria).

em 2018, contanto, ela lutou no ano de 1822 a 1823. Diante disso, é perceptível que essa seleção sobre quem merecia ou não merecia foi muito além dos feitos propriamente ditos. A escolha não foi baseada sobre o merecimento deles, e sim sobre a vontade e os interesses da alta sociedade brasileira.

Á vista disso, como descrever uma pessoa que poucos conseguiram ver e documentar? Maria Felipa de Oliveira era uma mulher negra liberta, descendente de africanos escravizados do Sudão, que residia na Ilha de Itaparica, em Salvador-Bahia, marisqueira, pobre, jogava capoeira e vendia seus pescados (não só os mariscos tradicionais, mas também baleias) pelas ruas para prover o sustento próprio e de sua família:

Maria Felipa de Oliveira, marisqueira e pescadora, fazia o que era necessário para sobreviver. É provável que ganhasse tostões, manteando e salgando a carne das baleias, retirando e envazando o óleo que se transformaria em rico combustível para uso local e também para exportação. Outros tostões e, principalmente, o alimento diário ela devia conseguir mariscando, imersa até os joelhos nas águas do mangue, bioma misterioso, profundo, do qual é possível renascer a partir dos detritos, da transformação empreendida pelos crustáceos e outros seres que lá habitam sob a tábua da Nanã, a grande feiticeira da lama primordial. Quem trabalha no mangue aprende a renascer todos os dias.

Ela era extraordinária, além de apanhar as baleias, realizava a limpeza do animal para posteriormente vender, como ressalta a historiadora brasileira Heloísa M. Starling:

Maria Felipa de Oliveira, exímia pescadora de baleias, senhoras e senhores, marisqueira e ganhadeira. Não bastasse pescar as baleias, ela sabia trata-las, como dizem na Bahia, ou manteá-las, como diziam os insulanos, salgava a carne e preparava-a para a venda. Uma baleia adulta produzia cerca de setenta toneladas de carne e de trinta a quarenta toneladas de óleo. Este tinha múltiplos usos, entre os quais, o de combustível para as lamparinas das vias públicas e das casas, mas também era usado para lubrificar o maquinário da engrenagem escravocrata dos engenhos, para preparar argamassas destinadas ao revestimento de paredões e outras obras de alvenaria.

Destoando de restrições e de um sistema opressor, Maria Felipa era sinônimo de força, determinação, resiliência e esmero. Ela vivia boa parte do seu tempo em jangadas e barcos pelo rio Paraguaçu, obtinha um perfeito conhecimento topográfico das áreas e esse recurso foi um grande diferencial na luta contra os portugueses, haja vista que enquanto navegava dispunha de conhecimentos sobre as posições dos barcos inimigos ao longo do rio, e inteligentemente, conseguia passar despercebida, evitando inúmeros embates:

Tradição ancestral herdada das mulheres africanas que garantia a própria sobrevivência e a manutenção da prole. E navegava soberana, transitando de barco e jangada para Salvador e para vilas do Recôncavo. Como conhecia todas as curvas do

Paraguaçu e seus acidentes, conseguia deslocar-se á noite e também sabia onde estariam atracados os barcos portugueses. Ela sabia como desviar das vistas de sua tripulação, de modo a evitar possíveis ataques e saques.

É importante salientar que nos poucos documentos onde Maria Felipa é mencionada, ela é descrita como uma mulher com bastante corpo, bem forte, com curvas acentuadas, era de santo (candomblé) e valorizava muito sua ancestralidade africana enquanto descendente negra. Acredita-se que tinha de 22 a 23 anos na época que sucederam as batalhas e faleceu depois de ter conseguido uma vida duradoura, com 73 a 74 anos, como nos conta a historiadora Livia Prata<sup>23</sup>:

Sua figura era impactante: alta, corpulenta, energética. Costumava usar batas bordadas na cor branca, saias rodadas, turbante, torço e chinelas. Quando necessário, amarrava a saia nas pernas e lutava com golpes de capoeira. Era comum vê-la com os cabelos revoltos, a camisa descaída e as costas lavadas de suor agitando-se á frente da turba. Junto com as suas companheiras, aproveitava-se dessas vestes para esconder armas, principalmente as peixeiras que utilizavam em seu trabalho [de pescadoras]. Folhas de espinhos também eram ocultas junto a flores e outras folhas comuns, fazendo com que parecessem estar apenas enfeitadas. Ela tinha a fé dos seus antepassados, a fé do candomblé dos orixás, dos caboclos escondidos nas matas. Uma fé injustiçada, que não se podia declarar em público, praticada clandestinamente.

Nesse intento, é inexcusável que Maria Felipa nunca foi uma mulher comum, ela pescava, mariscava, comerciava, navegava pelos rios e se dirigia as ruas para vender seus produtos e conseguir o dinheiro para se manter apesar de ser tão jovem. Maria batalhava duramente para sobreviver, sem arrependimentos ou desonra. Deveras, mesmo antes de se envolver com as questões políticas, ela já liderava a própria vida de forma admirável, os homens e as mulheres teciam infindos elogios a seu respeito, por onde transitava sua marca era intensa e sagaz.

Posteriormente, com o seu envolvimento durante o processo de independência, é indispensável destacar que antes de partir para o combate propriamente dito, ela foi a mentora de um dos processos responsáveis pelo sucesso dos guerreiros brasileiros, a alimentação. Nesse período, muitos combatentes estavam desertando ou perdendo suas vidas por conta da falta de alimentos, contanto, o papel fundamental de Maria Felipa e suas companheiras (as Vedetas), era transportar a comida e fazer com que ela chegasse aos soldados baianos, como relata o historiador brasileiro Lucas Borges dos Santos:

---

<sup>23</sup> SILVA, Livia Prata da. **Maria Felipa**: uma heroína baiana: a história ilustrada da heroína da independência do Brasil na Bahia. 2018. 60 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Visual Design) - Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/11057>. Acesso em: 29 abr. 2024.

Principal via de deslocamento do Recôncavo, o Paraguaçu permitia o acesso direto às vilas que encabeçavam a resistência. Em muitas narrativas, Maria Felipa é citada descendo de barco este rio com suas companheiras para levar mantimentos às cidades insurretas, armadas com peixeiras de mantear baleia faziam a vigilância do trajeto. Era imprescindível aos portugueses tomar a ilha para romper o bloqueio que impedia a entrada de víveres e reforços à cidade do Salvador. Itaparica destaca-se como um bastião na entrada da baía, nenhum navio entra ou sai, seja pela Ponta do Padrão ou pela Ponta dos Garcês sem ser notado e, mais importante, fica fora do alcance dos canhões das fortalezas.<sup>24</sup>

O grupo de Maria Felipa era composto por homens também, em sua maioria livres, entretanto, o maior número era de mulheres, assim enfatiza Starling:

Não se ganha uma guerra sem informações precisas sobre a movimentação dos inimigos, e Maria Felipa de Oliveira, Marcolina, Joana Soleiro, Brígida do Vale e outras 37 mulheres, cujos nomes a História omitiu, compunham o “Batalhão das Vedetas”.

Ao mesmo tempo em que Livia Prata sublinha minuciosamente a função dessas imponentes mulheres:

Naqueles tempos de conflito, muitos barcos inimigos navegavam pelo Recôncavo. Para monitorar esses barcos, Maria Felipa e suas companheiras formaram um grupo chamado de Vedetas. A função delas era de sentinela: noite e dia patrulhavam as matas, os manguezais, as praias e todos os caminhos da ilha, inclusive subindo em outeiros como o do Balaústre e o da Josefa, mais próximos aos campos de guerra. Levando tochas acesas feitas de palha de coco e chumbo, identificavam portugueses que desciam dos barcos à noite para saquear a vila (interceptando principalmente alimentos) e também para lutar. Maria Felipa liderava este grupo e também se encarregava de repassar informações sobre a guerra para companheiros de luta em Salvador, a bordo de uma Jangada. Traidores portugueses frequentavam o lugar e levavam informações para Madeira de Melo (governador da Bahia). O grupo de mulheres liderado por Maria Felipa estava sempre em conflito com portugueses, com divergências e lutas corpo-a-corpo.

Por conseguinte, quando Maria Felipa é mencionada na maioria dos livros, sua participação mais comentada foi o episódio das folhas de cansaço, onde alguns historiadores utilizam a perspectiva do romance e sedução, todavia, para esse estudo, o ponto de vista indispensável é o mais detalhista e completo possível, alcançado através de Livia Prata novamente. Ela destaca que em 6 de janeiro de 1823, o comandante Madeira de Melo reuniu as suas tropas e foram em direção a Ilha de Itaparica porque estavam sem saída. Ao chegarem ao destino, colocaram em ação suas estratégias de batalha e acabaram se estabelecendo em pontos estratégicos da ilha, entretanto, o grupo liderado por Maria Felipa estava totalmente á espreita

---

<sup>24</sup> SANTOS, Lucas Borges dos. Maria Felipa, por Lucas Borges dos Santos. **Terreiro de Griôs**. Salvador, 9 mar. 2022. Disponível em: <https://terreirodegriôs.wordpress.com/2022/03/09/maria-felipa-por-lucas-borges-dos-santos/>. Acesso em: 25 abr. 2024.

e prontamente pensaram em uma estratégia que fosse possível ser concretizada com exatidão, haja vista que haviam muitas embarcações inimigas:

Maria Felipa reuniu seu grupo, que também eram chamadas de mulheres guerreiras, para criar novas estratégias de batalha. Com tantos barcos, como se aproximar do inimigo? Na beira de um rio, morada de Oxum, veio a solução: o uso de uma estratégia diferente, com armas não convencionais. Tal como Oxum, as armas do grupo seriam astúcia e sedução. E também folhas de cansaço, bebidas e tochas improvisadas. As folhas de cansaço eram folhas de espinho que utilizavam presas á saia, disfarçadas no meio de flores e folhas comuns. Eram uma espécie de urtiga muito perigosa: em contato com a pele causavam queimaduras fortes. Os portugueses estavam atacando as praias e, quando o grupo de quarenta mulheres lideradas por Maria Felipa se aproximou, eles não viram ameaça, pois não conheciam o perigo das folhas. As mulheres, supostamente apenas enfeitadas, ofereceram bebida aos soldados e os seduziam para, então surrá-los com os galhos de cansaço. Pegos de surpresa, não imaginavam que elas também possuíam as tochas feitas de palha de coco, pólvora e chumbo, que foram jogadas por elas nos barcos, incendiando-os. Essa estratégia criada por Maria Felipa deixou a Ponta das Baleias em fogo vivo e pela manhã o litoral estava ainda coberto de fumaça. A luta continuou e, ferozmente, Maria Felipa lutou na praia do Convento com suas companheiras até que os soldados lusitanos deixaram Itaparica em 9 de janeiro [de 1823].

Sua inteligência e perspicácia era notável, uma mulher civil, jovem, carente, moradora de uma ilha, pescadora e marisqueira, conseguiu resistir frente a inúmeros soldados treinados utilizando o intelecto e táticas ousadas que fizeram a grande diferença na finalização e denominação do vencedor. Como uma incógnita para a maioria, não se sabe se foi a força da capoeira, do candomblé, da pescaria, do marisco ou do ganho que a fez tão única e preciosa ao ponto de resistir ao silenciamento e apagamento voraz da sua história, enquanto mulher negra e heroína dos documentos oficiais brasileiros. Sua importante passagem deixou um legado de resistência, representatividade, empoderamento, liberdade e força que transcendeu a névoa do esquecimento e da ingratidão.

Apesar de todo o silenciamento, seu nome segue vivaz e a história incontinentemente está sendo contada e recontada inúmeras vezes. Seu rosto deixou o anonimato e encontrou a luz que nunca deveria ter perdido:

Maria Felipa de Oliveira, iansanicamente, nos inspira a persistir roubando o preparado destinado aos homens e a cuspir fogo, pois só assim, conquistando poder e mando, pela força de uma búfala ou de uma borboleta, a depender da necessidade, conseguiremos, se não transformar, pelo menos desestabilizar as relações de poder manejadas pelos homens.

Destarte, porque uma heroína tão importante foi esquecida? Para muitas pessoas essa é uma pergunta relativamente boba e simples de responder, mas na verdade é mais cruel e difícil do que podem imaginar. Maria Felipa de Oliveira desapareceu da história oficial

documentada do Brasil e da Bahia porque ela era uma mulher e além de tudo, negra. Ela emergiu numa época em que a maioria das mulheres não tinha voz, seu lugar de fala fora sequestrado por aqueles que se consideravam seus proprietários. Maria destoava desse cenário macabro e anestésico que tinham criado para a população feminina brasileira, era valente, conseguiu provar e deixar claro que não iria se curvar a indivíduo nenhum, muito menos ao sistema.

Enquanto ela retaliava o inimigo em comum da elite brasileira, tudo era aceitável, contudo, quando a vitória foi anunciada e os portugueses extinguidos, o todo mudou. Nesse momento, Maria lutava por melhores condições de vida, lutava pelo direito de existir em sua totalidade sem se esconder e ser obrigada a viver nas sombras de homens que em tempo algum a representaria:

Existem personagens que precisam ser apagados. Mesmo que sua participação tenha sido crucial para o rumo dos eventos. Pois no fundo, eles (a) representam a vontade do povo por uma vida diferente. Vida essa, muitas vezes, que as camadas superiores não estão dispostas a oferecer. E Maria Felipa é uma dessas personagens. Quando a guerra pela independência da Bahia terminou, Felipa e suas companheiras continuaram a lutar, só que agora a luta não era contra um inimigo comum a todos, os portugueses. Elas reivindicavam melhores condições de vida para a população de Itaparica e, conseqüentemente, para toda a Bahia.

A heroína que foi fundamental na vitória brasileira contra os lusitanos, agora, se tornava um risco a ordem política e social vigente. Heróis como esses não podem ganhar notoriedade. Por isso, muitas vezes, eles passam a vilão. Sendo retratados como marginais, sociopatas, perversos, etc.<sup>25</sup>

Numa sociedade dominada por homens, como a história elevaria a figura feminina ao vértex? Isso não iria acontecer. Houve inúmeras mulheres lutando bravamente e liderando pessoas na linha de frente da batalha, entretanto, soerguer esses feitos seria completamente dúbio, longe disso, o que deveria suceder era o esquecimento desses fatos. Nenhum indivíduo precisava obter conhecimento acerca de mulheres tão guerreiras e resolutas. Com o intuito de perpetuar ainda mais o complexo de inferioridade, imbecilidade e desonra, negro algum e especialmente uma mulher deveria ocupar uma posição de destaque.

A população desfavorecida não poderia dispor de uma referência negra que inspirasse, o preto, o pobre e a mulher eram insignificantes para a sociedade abastada e essa percepção necessitava continuar. Os brasileiros em momento algum deixaram de reagir frente as opressões vividas. Durante a escravidão racial houve os quilombos, a capoeira e muitas

<sup>25</sup> ROSA, Jeferson A. Porque heroínas como Maria Felipa são apagadas da história do Brasil? **Quora**. [S. l.], 2019. Disponível em: [https://historia-do-brasil.quora.com/Por-que-hero%C3%ADnas-como-Maria-Felipa-s%C3%A3o-apagadas-da-hist%C3%B3ria-do-Brasil#:~:text=2019\)%203%20anos,por%20que%20hero%C3%ADnas%20como%20Maria%20Felipa%20s%C3%A3o%20apagadas%20da%20hist%C3%B3ria,povo%20por%20uma%20vida%20diferente](https://historia-do-brasil.quora.com/Por-que-hero%C3%ADnas-como-Maria-Felipa-s%C3%A3o-apagadas-da-hist%C3%B3ria-do-Brasil#:~:text=2019)%203%20anos,por%20que%20hero%C3%ADnas%20como%20Maria%20Felipa%20s%C3%A3o%20apagadas%20da%20hist%C3%B3ria,povo%20por%20uma%20vida%20diferente). Acesso em: 7 abr. 2024.

revoluções, desistir e aceitar os infortúnios tacitamente estava a milhas de distância de ser uma opção. Defrontar e seguir sempre em frente era a única solução para frear o extermínio de povos inteiros.

Francamente, Maria Felipa foi excluída da história proposta pela alta sociedade brasileira porque era uma mulher, negra, pobre, demasiadamente inteligente e proativa. Diferentemente do que pensavam, havia uma mulher completamente capaz que possuía um senso de justiça e pertencimento inabalável, ela compreendeu que quando o povo se unia em prol de algo maior, funcionava. Eles eram muito fortes juntos e o sistema visualizou essa poderosa união brevemente. Portanto, o ocultamento de Maria Felipa era extremamente necessário, permitir que ela continuasse a firmar seus ideais não era mais possível. Ela deveria obliterar da mesma forma que a fumaça, sem alarde e espontaneamente.

Destarte, ela se tornou uma grave ameaça para o cenário político e social da época, pessoas com esse nível de popularidade, ascensão e respeito não deveria ganhar repercussão de forma alguma, as classes inferiores não poderiam acreditar que seria possível acabar com as desigualdades através de lutas, reivindicações, movimentos organizados, com uma liderança sólida, destemida, que fosse inteligente e soubesse criar estratégias brilhantes:

A resistência á Maria Felipa, em parte, se deu porque ela foi heroína de guerra, numa época em que somente homens eram convocados. A rejeição nas comemorações, por ser negra, faz de Maria Felipa na contemporaneidade, um dos símbolos étnicos da liberdade.

A sagacidade e ousadia de Maria Felipa incomodou aqueles que estavam no topo. Como poderia uma mulher humilde e carente conseguir chegar tão longe? Eram questionamentos que fortaleciam a ideia de que num futuro breve ela iria se tornar um empecilho tortuoso se não fosse parada imediatamente. Nesse ensejo, a melhor alternativa foi retirar toda a sua incontestável jornada pela independência das escrituras oficiais do país. Com o tempo, as pessoas iriam esquecer que em algum momento da história brasileira houve uma menina-mulher que desafiou, lutou e venceu grandiosos soldados europeus.

Maria Felipa assim como tantas outras mulheres negras, foram silenciadas pela elite branca do Brasil porque representavam a vontade do povo na maioria dos casos e a elite de forma alguma estava disposta a ofertar um modelo de sociedade que o negro estivesse no lugar mais alto do pódio, ainda mais se esse negro fosse uma mulher. A sociedade da época era machista, dominada totalmente pelos preceitos masculinos, além do racismo que regia com punhos de ferro toda a estrutura do Brasil.

Segundo Almeida<sup>26</sup>, filósofo negro e brasileiro, ele define o racismo estrutural como uma desigualdade que é derivada consequentemente da mesma estrutura social que rege o mundo e vai muito além do corpo social, ele acomete o setor político e econômico também:

O racismo se expressa concretamente como desigualdade política, econômica e jurídica. O que queremos enfatizar do ponto de vista teórico, é que o racismo, como processo histórico e político, cria as condições sociais para que, direta ou indiretamente, grupos racialmente identificados sejam discriminados de forma sistemática. Em resumo, o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural.

Nesse contexto, é cristalino que a alta sociedade não possuía nenhuma intenção de embutir os negros, mulheres e pobres na esfera geral da nação. A narrativa proposta não visava a introdução de classes humildes, diversamente, o maior desejo era que essas estirpes deixassem de ser um problema e se curvassem de forma lamentável, e suas ações obtiveram um resultado muito desmesurado.

Durou muito, um silenciamento cruel e muito bem feito que extirpou a representatividade e o pertencimento do próprio lugar onde nasceu, cresceu e batalhou. A população de Salvador esqueceu por um momento quem foi Maria Felipa, a mulher alta, forte, imponente, que possuía curvas admiráveis em seu corpo, usava saia rodada, turbante e chinelas. Maria foi cancelada dos livros importantes de Salvador, por mais simples que pareça, até mesmo uma foto dela não foi guardada para que se eternizasse na memória e na história das gerações futuras, como uma forma de reconhecimento da força do próprio povo nos momentos de maior aflição. As fotografias que fazem alusão a ela não são oficiais, simplesmente é o mais próximo que o relato das pessoas mais velhas puderam chegar, visto que não existe nenhuma fotografia dela.

A projeção mais real de seu rosto estampa banners e folhetos em toda a programação da Jornada pedagógica escolar da rede de educação pública estadual do ano letivo de 2023, seu nome representa órgãos de ajuda, enfrentamento a violência contra a mulher e seu protagonismo de séculos atrás virou símbolo de empoderamento, resistência, luta, coragem e libertação. Após muitos esforços empregados que a sua resplandecente passagem começou a ser redescoberta, as pessoas começaram a ouvir narrativas incríveis sobre uma mulher negra

---

<sup>26</sup> ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte, MG: Letramento, 2018. Disponível em: <https://contrapoder.net/wpcontent/uploads/2020/04/ALMEIDA-2019.-O-QUE%C3%89-RACISMO-ESTRUTURAL>. Acesso em: 4 mar. 2024.

que revolucionou as batalhas pela independência do Brasil na Bahia, uma mulher que fez uso desmedido da engenhosidade e astúcia fenomenal.

**Figura 3** - Imagem de mulher



Fonte: Alberto Henschel (2023).<sup>27</sup>

**Figura 4** - Retrato falado de Maria Felipa



Fonte: Wikimedia Commons (2022).<sup>28</sup>

Como ressaltado anteriormente, não existe um retrato oficial de Maria Felipa, não há registros seus nos livros didáticos, na historiografia nacional e antes da Lei 10.639, o ensino de história não a citava também. Como é possível discorrer sobre a independência do Brasil na Bahia sem ela estar presente, sendo que foi uma das personagens principais? A partir disso, é importante destacar que essas duas imagens foram criadas através da memória oral da população da Ilha de Itaparica e poucos escritos que citam seu aspecto físico.

É muito curioso que a sua representação tenha chegado a esse resultado, haja vista que não há um retrato oficial sobre ela. Porque a imagem dela é criada? E porque exatamente chegou a esses dois resultados distintos, mas que de certa forma se correlacionam entre si? Penso que essas imagens foram criadas através da imagem de outras mulheres da época. O estereótipo negro foi seguido minuciosamente nas duas imagens, lábios grossos, nariz achatado e largo, a pele mais retinta e o uso do torço (turbante), que chegou ao Brasil com os africanos escravizados.

Outra questão que requer uma análise mais detalhada é a estética corporal, de acordo com a primeira fotografia ela era bem magra, no entanto, a segunda demonstra

<sup>27</sup> Acesse o link para mais informações: <https://www.correio24horas.com.br/minha-bahia/a-historia-de-como-maria-felipa-ganhou-um-rosto-0723>.

<sup>28</sup> Visite o link se almejar informações complementares: <https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2022/09/07/peixeira-e-surra-de-planta-por-que-maria-felipa-e-heroína-da-independência.htm>.

totalmente o oposto. Nos livros ela sempre foi descrita como corpulenta, forte e alta, logo, porque a imagem mais atual que está sendo reproduzida intensamente é representada com um corpo ligeiramente diferente dos relatos? Assim como essa névoa de questionamentos está envolta sobre as vastas concepções acerca da sua fisionomia, há também as indagações acerca da sua existência. Segundo Lívia Prata, para retratar imagens de Maria Felipa é necessário se desfazer dos excessos e rótulos:

Para criar imagens onde Maria Felipa seja vista como uma líder, corajosa, bondosa e forte, são necessários esforços para que o imaginário ao redor da personagem não seja de submissão, exploração, escravidão e todos os outros aspectos que produziram imagens repletas de racismo e elitismo. É preciso refazer este imaginário para que se possa produzir uma nova imagem da mulher negra, pescadora e engajada em lutas sociais.

A figura de Maria Felipa atualmente representa as mulheres negras do Brasil em sua totalidade, pois a sua representatividade está além das características físicas, envolve personalidade destemida, pertencimento intrínseco enquanto mulher negra, e resistência.

Como mulher negra, baiana e quilombola, me vejo refletida em Maria Felipa por toda a sua trajetória. É gratificante saber que existiu uma mulher tão forte e resiliente como ela em terras baianas. Atualmente, não lutamos em uma guerra, entretanto, lutamos mais uma vez contra um sistema inteiro que visa cotidianamente nos oprimir, da mesma forma que ela lutou anteriormente. A cada batalha vencida com alguma nova lei que vise a proteção e o desenvolvimento da população negra ou de mulheres é como uma homenagem para ela e para as outras Marias que foram esquecidas com o passar do tempo. O Brasil tem o dever de conhecer essa mulher, é o mínimo que podemos fazer para honrar os seus dias de tanto enfrentamento.

Nesse sentido, trazer essa temática tão delicada ao universo acadêmico é de grande importância, porque não se configura apenas como uma apelação social para que a população entenda, visualize o problema existente, e se conscientizem, mas também pela representatividade e respeito a essas mulheres que tanto foram oprimidas, silenciadas, mas que ainda assim romperam o próprio casulo no mais inacreditável dos cenários, utilizando sua inteligência e qualidades mais fortes para suplantar a força e violência física dos portugueses.

Suas armas eram peixeiras que eram usadas para mantear baleias e folhas de cansação, ela não possuía armas de fogo e canhões como os portugueses, entretanto, esse fator em tempo algum foi impedimento para um bom resultado frente ao inimigo, pelo contrário, suas ações eram cirúrgicas, ou seja, completamente precisa.

Maria Felipa resiste porque os movimentos sociais vêm realizando esse resgate, juntamente com os relatos orais da comunidade e muita pesquisa. Ulteriormente ao ano de 1923 que o seu nome voltou a ser ouvido na região que tanto defendeu, e a partir desse momento que timidamente foi se abrindo um ínfimo espaço para ela. Em 1923 também foi criada uma lápide para eternizar e homenagear os heróis que lutaram por Salvador e o nome de Maria só foi adicionado muito tempo depois, corroborando a discussão suscitada no presente estudo.

Uma heroína que se esvaeceu com o tempo, sua existência fora muito questionada. Como essa mulher existiu, realizou tantos feitos e não há nada sobre ela nos livros de história do Brasil? Pertinente pergunta e esse era justamente o propósito daqueles que a silenciou. O descrédito, a dúvida pungente e a dolorosa incerteza até mesmo para aqueles que ouviu diversas vezes os avós falarem. Será mesmo que Maria Felipa de Oliveira existiu? Como ela era? Alguém a viu frente a frente mesmo? Sim, depois de tanta luta do movimento negro para reaver a história que há muito estava esmaecida, é indubitável que ela habitou as terras baianas, resistiu e contribuiu imensamente para ocuparmos o espaço onde estamos atualmente.

#### **4 PROTAGONISMO FEMININO NEGRO BRASILEIRO**

Desde o século XVI com a colonização europeia, o sistema patriarcal foi inserido no Brasil e junto a ele veio o machismo, o racismo estrutural e desigualdade de gênero que colocou os negros e principalmente as mulheres numa condição de inferioridade e subalternização muito grande. O corpo da mulher negra foi objetificado e taxado como nada, sem nenhum valor moral, ético ou sentimental, elas não “serviam” para casar, formar uma família, pelo contrário, sua única utilidade era proporcionar o ato sexual gratuito aos senhores quando fossem rejeitados pelas suas esposas:

Apesar de uma mentalidade patriarcal e misógina que via na mulher um ser inferior física e mentalmente, os fermentos da colonização resultaram em outra receita: famílias que tiveram á frente mulheres enérgicas, donas de forte personalidade que se distinguiram como esposas, filhas e amantes e viúvas, muitas delas detentoras de propriedades, bens, terras e escravos, com autoridade consagrada por aqueles de quem se ocupavam.<sup>29</sup>

---

<sup>29</sup> DEL PRIORE, Mary. **Sobreviventes e guerreiras**: uma breve história das mulheres no Brasil: 1500-2000. São Paulo: Planeta, 2020.

O racismo reduziu a experiência ontológica das mulheres negras a objetificação, hipersexualização, zoomorfização e mão de obra nos trabalhos braçais em diversas instâncias. Existe um olhar colonizador sobre nossos corpos, saberes e produções. De modo geral a mulher negra não é pensada a partir de si, mais em comparação ao homem. É como se ela fosse o outro do homem aquela que não é homem.<sup>30</sup>

Em vista disso, este trabalho foi pensado com o intuito de compreender os fenômenos sociais que ocultaram o protagonismo feminino negro da história brasileira, e para além disso, reaproximar as mulheres em especial as negras do sentimento de pertencimento, luta, bravura, coragem, ousadia, afronta e independência, como também despertar a sociedade feminina brasileira para uma herança de empoderamento arrojado e impetuosidade grandiosa deixadas por essas mulheres há séculos atrás. No período que sucedeu a escravidão racial no Brasil, a rede de apoio e resistência entre as mulheres negras era ostensível, mulheres livres compravam a alforria para outras mulheres. Não havia parentesco, amizades ou favores, elas proporcionavam esse ato com o único intuito de libertar suas irmãs de cor, e seu próprio povo.

Antes da tecnologia e da mudança colossal em todos os âmbitos nacionais, já existia o desejo da transformação, elas abandonaram o lugar de vítima e passaram a ser protagonistas da própria história em meio a um cenário abominável e frustrante, em que a libertação se assemelhava totalmente ao impossível. Estiveram à frente do seu tempo sempre enfrentando as inúmeras adversidades com a cabeça erguida, um tropeço não as deixava desanimada, pelo contrário, gerava mais força para seguir lutando com tudo o que estivesse ao alcance. Desistir não era uma opção e Maria Felipa de Oliveira, Joana Angélica, Maria Quitéria, Maria Firmina dos Reis, Dandara, Aqualtune, Tia Ciata, Carolina Maria de Jesus, Marielle Franco e tantas outras entenderam a necessidade disso.

Estiveram altivas desde muito tempo, no entanto, o contexto patriarcal e machista da época retirou essas narrativas tão poderosas de cena, apagaram seus feitos, suas conquistas, suas memórias e seus contextos para que o silenciamento e inércia fossem as únicas coisas que as gerações futuras tivessem conhecimento. Elas trabalhavam em inúmeras funções para sustentar a si e a seus filhos, desistir, recuar e procrastinar nunca esteve nos planos de mulheres aguerridas que abatiam incontáveis leões para (re) existir.

Como mulher negra, feminista, baiana e periférica, falar de mulheres negras que resistiram com tão pouco se comparado ao nível de armamento e estratégias europeias, reacende uma fagulha identitária densa, que há muito havia sido ocultada pelas batalhas diárias que

---

<sup>30</sup> RIBEIRO, Djamila. **O que é:** lugar de fala? Belo Horizonte, MG: Letramento, 2017.

precisamos travar todos os dias enquanto mulheres pretas, para conquistar o mínimo de liberdade, direito de ir e vir sem medos ou reservas e simplesmente existir.

As mulheres de hoje não estão sozinhas, pois existem mecanismos políticos, apoios nacionais, movimentos feministas e sociais, assim como legados da ancestralidade negro diaspóricas para restaurar a integridade feminina dentro desse sistema hegemônico, estruturalmente racista, patriarcal e que sustenta sua política de silenciamento e exclusão. Através dessas seções, visamos elencar a força dessas mulheres que estiveram sob situações desesperadoras e conseguiram triunfar de forma brilhante, lutando do início ao fim, sustentando ao longo dos séculos o nível elevado da força feminina. Nunca paramos, nunca desistimos, simplesmente guerreando incansavelmente por cada conquista e reconhecimento. Tudo o que a mulher brasileira conseguiu foi por meio do conflito, fosse armado ou pacífico. Nada chegou gratuitamente ou de forma tranquila, foi tumultuado, sangrento e muito desgastante.

O período que as mulheres passavam o dia inteiro dentro das residências lavando, passando, cozinhando, vivendo em prol da família, sem nenhuma perspectiva, ficou em um passado distante. Atualmente, a mulher só permanece sem ocupação profissional e se dedica fielmente ao lar se for a vontade dela. Elas podem dizer não, se recusar a fazer algo que não lhe agrade e aceite apenas o que lhe faz bem. Evoluímos muito realmente, em setores que haviam maioritariamente homens, como a engenharia, construção civil, arquitetura, cargos militares, cenário esportivo (especialmente o futebol), pilotos de avião, eletricitista, carpintaria, mecânica, Tecnologia da informação (TI), barbearia, política, tatuagem, bombeiro, dentre tantas outras áreas.

A mulher negra brasileira neste tempo ocupa inúmeros espaços que antes não lhe era permitido. A barreira começou a ser rompida em 1859 quando Maria Firmina dos Reis publicou o livro *Úrsula*, que falava sobre a escravidão, num período que os homens dominavam completamente a escrita e a publicação das obras. Segundo estudiosos, ela foi a primeira mulher negra a publicar um romance abolicionista no país. Maria Firmina na verdade coleciona pioneirismos, além de ser a primeira escritora negra a publicar um livro, também foi a primeira mulher a conseguir vencer um concurso público para ser professora. Ela era diferenciada e muito destemida, suas ações diferiam do que a sociedade tinha recomendado para a população feminina.

Muitas mulheres brasileiras expuseram a sua trajetória de vida difícil através da escrita, como fez Carolina Maria de Jesus em seu diário, *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, que se tornou um dos livros referenciais da literatura brasileira. Assim sendo, a educação foi uma das áreas que a mulher negra mais abrangeu espaço, tantas intelectuais que

ocupam cada vez mais os lugares que o público masculino era soberano, são referências em temáticas como o feminismo, violência de gênero, machismo, empoderamento feminino, negritude, abolicionismo, desigualdade racial, patriarcado, escravidão e inumeráveis outros.

Nesse sentido, gostaria de suscitar para a presente discussão algumas dessas intelectuais. Começamos com Carla Akotirene, pesquisadora, autora, militante e colunista. Atua prioritariamente no feminismo negro brasileiro. Assim como Maria Felipa, Carla é baiana e professora na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Uma de suas principais linhas de investigação é sobre Interseccionalidade. Isto posto, por tamanha importância, representatividade e contribuição, seu nome foi integrado em 2021 na lista das 100 personalidades negras mais influentes da Lusofonia.<sup>31</sup>

Por conseguinte, seguimos com Conceição Evaristo, nascida em Belo Horizonte, linguista, pesquisadora e escritora afro-brasileira, poetisa, romancista, ensaísta e professora. Advinda de família humilde e muito pobre, Conceição perpassou os caminhos da educação com muita luta e sacrifício, sendo empregada doméstica enquanto finalizava os estudos. Sua carreira acadêmica é louvável, recebeu o condecoramento e o título de doutora Honoris Causa pelo Instituto Federal do Sul de Minas (IFSULDEMINAS), além de ocupar a cadeira 40 na Academia Mineira de Letras<sup>32</sup>.

Continuamente, temos Djamila Ribeiro, paulista, é filósofa, escritora, feminista negra, escritora, ativista sobre questões raciais, ocupa a cadeira 28 na Academia Paulista de Letras, tem muitos livros de sucesso, incluindo “Pequeno Manual Antirracista” e “O que é lugar de fala? Suas premiações são extensas e o reconhecimento da sua causa atingiu níveis internacionais, sendo convidada para visitar outros países e conhecer as ações sobre gênero e equidade. Djamila também foi a primeira mulher brasileira a receber o prêmio Global Good no BET Awards<sup>33</sup>, além de compor a lista mundial de mulheres ilustres e inspiradoras.

Dessarte, reflitamos sobre Vilma Reis, baiana, socióloga, ativista, como também, defensora dos direitos humanos da população feminina e LGBTQIAPN+. Por quatro anos atuou como ouvidora-geral da Defensoria Pública da Bahia e atualmente é membro do Conselho editorial do Brasil. Vilma se apresenta como mais uma importante personalidade negra que luta pela igualdade social, racial e de gênero. Dessa forma, por toda a sua luta social, recebeu a medalha Zumbi dos Palmares e a Comenda Dois de Julho<sup>34</sup>.

---

<sup>31</sup> Acessar o link para maiores informações: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Carla\\_Akotirene](https://pt.wikipedia.org/wiki/Carla_Akotirene).

<sup>32</sup> Acesse o link e conheça a biografia: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Concei%C3%A7%C3%A3o\\_Evaristo](https://pt.wikipedia.org/wiki/Concei%C3%A7%C3%A3o_Evaristo).

<sup>33</sup> Para entender mais a respeito de Djamila, clique no link: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Djamila\\_Ribeiro](https://pt.wikipedia.org/wiki/Djamila_Ribeiro).

<sup>34</sup> Para maiores informações, visite o link: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Vilma\\_Reis](https://pt.wikipedia.org/wiki/Vilma_Reis).

Por fim, Marielle Franco. Carioca, socióloga, ativista e política brasileira. Marielle defendia o feminismo, os direitos humanos e por conta disso criticava bastante as abordagens policiais nas periferias paulistas e cariocas. Ela defendia a comunidade negra e periférica com afinco, denunciando várias situações de abuso e agressão policial em bairros periféricos. Ela ganhou notoriedade pelo respeito e comprometimento que empregava em cada resolução de uma demanda da população. Semelhantemente a Maria Felipa, Marielle se tornou uma ameaça para o sistema policial e por conta disso foi assassinada a tiros, sem o mínimo direito de defesa.

Após a sua morte, ela se tornou um símbolo de luta pelos direitos humanos, defesa da mulher, justiça social, violência nas comunidades periféricas, saúde e empoderamento feminino, além dos direitos da comunidade LGBTQIAPN+. As homenagens foram em âmbito nacional e internacional. O dia de sua morte foi adicionado no calendário carioca “Dia Marielle Franco – Dia de Luta contra o genocídio da Mulher Negra<sup>35</sup>”. Ela foi homenageada em shows, em grafites nas ruas, em protestos, em monumentos, em enredos de escolas de samba, em biografias, documentários e institutos. Assim como a memória das heroínas brasileiras resistiram ao esquecimento, Marielle também resiste em cada ativista, e em cada mulher negra desse país.

Todas as mulheres citadas até esse momento representam a força, coragem, determinação, resiliência, luta, empoderamento e resistência da mulher negra brasileira, que sempre vai em busca de melhorias e dos seus direitos. Suplantar todos os desafios enquanto mulher não é simples, sendo negra intensifica a dificuldade. Entretanto, jamais recuamos, longe disso, seguimos em frente. Histórias como a de Maria Felipa, Marielle e as demais aqui citadas, nos interpela a dar seguimento na luta da mulher negra brasileira. Elas iniciaram as batalhas para que as outras mulheres pudessem ter uma chance daquilo que elas não puderam conquistar.

As mulheres são guerreiras, não deixam de batalhar nem por um milésimo de segundo, nossas mães refletem isso. Muitas cuidaram de vários filhos sozinha, enfrentaram os julgamentos sociais por ser mãe solo e precisaram trabalhar tanto que hoje possuem semblantes exaustos, mas ainda conseguem reservar um sorriso e alegria contagiantes. São mulheres comuns que em uma rede de apoio mútuo se fortificam, se ajudam e se protegem. Os movimentos regidos por mulheres negras visam a força do coletivo e da união para alcançarem juntas o cenário de igualdade, justiça e respeito que vem sendo planejado há séculos, após tantos anos de sofrimento.

---

<sup>35</sup> Visite o site para maior entendimento sobre a biografia de Marielle:  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Marielle\\_Franco](https://pt.wikipedia.org/wiki/Marielle_Franco).

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte, MG: Letramento, 2018. Disponível em: <https://contrapoder.net/wpcontent/uploads/2020/04/ALMEIDA-2019.-O-QUE%C3%89-RACISMO-ESTRUTURAL>. Acesso em: 4 mar. 2024.

BENJAMIM, Joás. Conheça os heróis e heroínas da pátria. **Agência Senado**, [Brasília, DF], 5 abr. 2023. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2023/03/conheca-os-herois-e-as-heroinas-da-patria>. Acesso em: 25 abr. 2024.

BUENO, Chris. Os protagonistas da independência do Brasil. Para além das grandes personagens conhecidas pela historiografia, participação de populares, escravizados e indígenas foi fundamental para tornar o país independente. **Cienc. Cult.**, São Paulo, v. 74, n. 1, p. 1-5, mar. 2022. DOI 10.5935/2317-6660.20220010. Disponível em: [http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252022000100010&lng=pt&nrm=iso](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252022000100010&lng=pt&nrm=iso). Acessos em: 2 jan. 2023.

CORREIA,IVALDO. Maria Felipa de Oliveira: uma heroína da independência. **Museu de Astronomia e Ciências Afins - MAST**. [Brasília, DF], 31 out. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/mast/pt-br/assuntos/noticias/2022/maio/maria-felipa-de-oliveira-uma-heroína-da-independência>. Acesso em: 8 abr. 2024.

DEL PRIORE, Mary. **Sobreviventes e guerreiras**: uma breve história das mulheres no Brasil: 1500-2000. São Paulo: Planeta, 2020.

FARIAS, Eny Kleyde Vasconcelos. **Maria Felipa de Oliveira**: heroína da independência da Bahia. Salvador: Quarteto, 2010.

GUERRA FILHO, Sérgio Armando Diniz. **O povo e a guerra**: participação nas Lutas pela Independência do Brasil na Bahia. 2004. 141 f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004. Disponível em: [https://portal2dejulho.ffch.ufba.br/wp/wp-content/uploads/2020/01/dissertacao\\_SAGF.pdf](https://portal2dejulho.ffch.ufba.br/wp/wp-content/uploads/2020/01/dissertacao_SAGF.pdf). Acesso em: 8 abr. 2024.

HENSCHER, Alberto. Imagem de mulher. **Correio**, Salvador, 1 jul. 2023. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/minha-bahia/a-historia-de-como-maria-felipa-ganhou-um-rosto-0723>. Acesso em: 26 abr. 2024.

LUIZ, Ivan. [Foto do monumento em homenagem à Maria Felipa]. **Repórter Hoje**, [Salvador], 27 jul. 2023. Disponível em: <https://www.reporterhoje.com.br/2023/07/27/bruno-reis-inaugura-monumento-a-maria-felipa-em-homenagem-a-heroína-da-independência/#prettyPhoto>. Acesso em: 8 abr. 2024.

MENDES, Meg. **Heroínas Negras**. São Paulo: Cartola Editora, 2021.

MONUMENTO em homenagem a Maria Felipa, heroína da independência do Brasil na Bahia, é inaugurado em Salvador. **G1 Bahia**, [S. l.], 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/2-de-julho/noticia/2023/07/27/monumento-em-homenagem-a-maria-felipa-heroína-da-independência-do-brasil-na-bahia-e-inaugurado-em-salvador.ghtml>. Acesso em: 26 abr. 2024.

MORENO, Sayonara. Cidade mais negra da África, Salvador completa 467 anos. **Agência Brasil**, [Brasília, DF], 29 mar. 2016. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-03/os-467-anos-de-salvador-cidade-mais-negra-fora-da-africa>. Acesso em: 5 jan. 2023.

NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo**. São Paulo: Perspectiva, 2019.

NASCIMENTO, Carlos. E.G. Pensar o passado, narrar a história dos afrodescendentes na Bahia: um e-book sobre Maria Felipa de Oliveira no ensino fundamental. **Trama**, [s. l.], v. 15, n. 35, p. 3-12, 2019. DOI: 10.48075/rt.v15i35.21503. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/348289711\\_PENSAR\\_O\\_PASSADO\\_NARRAR\\_A\\_HISTORIA\\_DOS\\_AFRODESCENDENTES\\_NA\\_BAHIA\\_UM\\_E-BOOK SOBRE MARIA FELIPA DE OLIVEIRA NO ENSINO FUNDAMENTAL](https://www.researchgate.net/publication/348289711_PENSAR_O_PASSADO_NARRAR_A_HISTORIA_DOS_AFRODESCENDENTES_NA_BAHIA_UM_E-BOOK SOBRE MARIA FELIPA DE OLIVEIRA NO ENSINO FUNDAMENTAL). Acesso em: 3 jan. 2023.

OYEWUMI, Oyeronke. Visualizing the body: western theories and African subjects. In: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). **The African philosophy reader**. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Nova Iorque: Routledge, 2002. p. 391-415.

PINHO, Joice. Quem fez o 2 de julho: os caboclos. **Blog Salvador**. [Salvador], 2024. Disponível em: <https://www.salvordabahia.com/quem-fez-o-2-de-julho-os-caboclos/>. Acesso em: 29 abr. 2024.

RIBEIRO, Djamila. **O que é: lugar de fala?** Belo Horizonte, MG: Letramento, 2017.

ROSA, Jeferson A. Porque heroínas como Maria Felipa são apagadas da história do Brasil? **Quora**. [S. l.], 2019. Disponível em: [https://historia-do-brasil.quora.com/Por-que-her%C3%ADnas-como-Maria-Felipa-s%C3%A3o-apagadas-da-hist%C3%B3ria-do-Brasil#:~:text=2019\)%203%20anos,Por%20que%20hero%C3%ADnas%20como%20Maria%20Felipa%20s%C3%A3o%20apagadas%20da%20hist%C3%B3ria,povo%20por%20uma%20vida%20diferente](https://historia-do-brasil.quora.com/Por-que-her%C3%ADnas-como-Maria-Felipa-s%C3%A3o-apagadas-da-hist%C3%B3ria-do-Brasil#:~:text=2019)%203%20anos,Por%20que%20hero%C3%ADnas%20como%20Maria%20Felipa%20s%C3%A3o%20apagadas%20da%20hist%C3%B3ria,povo%20por%20uma%20vida%20diferente). Acesso em: 7 abr. 2024.

SANTOS, Eduardo. Quem fez o 2 de julho: Joana Angélica. **Blog Salvador**. [Salvador], 2024. Disponível em: <https://www.salvordabahia.com/quem-fez-o-2-de-julho-joana-angelica/>. Acesso em: 27 abr. 2024.

SANTOS, Lucas Borges dos. Maria Felipa, por Lucas Borges dos Santos. **Terreiro de Griôs**. Salvador, 9 mar. 2022. Disponível em: <https://terreirodegriôs.wordpress.com/2022/03/09/maria-felipa-por-lucas-borges-dos-santos/>. Acesso em: 25 abr. 2024.

SECRETARIA DE DIREITOS HUMANOS, CIDADANIA E JUVENTUDE (São Francisco do Conde). **CRAM**. São Francisco do Conde, 2019. Disponível em: <https://saofranciscodoconde.ba.gov.br/cram/>. Acesso em: 8 abr. 2024.

STARLING, Heloisa M.; PELLEGRINO, Antonia. **Independência do Brasil**: as mulheres que estavam lá. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

SILVA, Daniel Neves. Independência da Bahia. **Brasil Escola**. [S. l.], 2024. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/independencia-bahia.htm>. Acesso em: 22 abr. 2024.

SILVA, Livia Prata da. **Maria Felipa**: uma heroína baiana: a história ilustrada da heroína da independência do Brasil na Bahia. 2018. 60 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Visual Design) - Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/11057>. Acesso em: 29 abr. 2024.

SLAMA, Fernanda. O 2 de julho: independência do Brasil na Bahia. **Blog Salvador**. [Salvador], 2024. Disponível em: <https://www.salvordabahia.com/o-2-de-julho-independencia-do-brasil-na-bahia/>. Acesso em: 22 abr. 2024.

WIKIMEDIA COMMONS. Retrato falado de Maria Felipa feito em 2005 com base em relatos históricos pela perita técnica Filomena Orge. **ECO A UOL**. São Paulo, 7 set. 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/eco/ultimas-noticias/2022/09/07/peixeira-e-surra-de-planta-por-que-maria-felipa-e-heroína-da-independencia.htm>. Acesso em: 22 abr. 2024.